

E o acordo pode sair na próxima semana

O Brasil estava dando a impressão, “um barco” à deriva, mas agora sabemos que tem alguém no timão”, disse ontem uma fonte envolvida nas negociações da dívida brasileira, prevendo que um acordo poderá ser anunciado enquanto o ministro Maílson da Nóbrega estiver nos Estados Unidos, de segunda a sexta-feira que vem.

“O acordo está por detalhes burocráticos e legais. Só o seu rascunho já alcançou as 78 páginas” — explicou a mesma fonte, acrescentando, quando consultada sobre as primeiras medidas de redução do déficit público anunciadas anteontem: “Só o fato de terem sido adotadas já provocou um efeito positivo e salutar. Duvidava-se que saíssem. Isto produziu um novo ânimo”. Alguns banqueiros confirmam que “estamos chegando ao fim”, mas não se arriscam a fixar um prazo. As negociações, que começaram em 25 de setembro, já passaram por vários momentos considerados finais. Mesmo a quantia fixada e anunciada, de US\$ 5,8 bilhões, pode variar, dependendo da abrangência da redução das taxas de risco que incidem sobre a dívida. Um dos ban-

queiros, lembrando que os negociadores já ficaram debruçados sobre um número por vários dias e noites, nos últimos seis meses, perguntou: “Quem garante que os percentuais que faltam definir em alguns pontos do acordo não exijam mais tempo?” A sua esperança é, de que “as questões substantivas” sejam resolvidas entre o ministro Maílson da Nóbrega e a presidência do comitê assessor dos bancos credores, nesta próxima segunda-feira.

Este banqueiro concorda com técnicos do FMI que acham “modesto” o conjunto de medidas adotadas anteontem pelo governo brasileiro para reduzir o déficit. “O Brasil tem que conseguir uma redução de até 3,5% em relação ao PIB, pelo menos”, diz ele. “Mas é muito bom e estimulante que o ministro Maílson da Nóbrega tenha aberto o caminho.” Para ele, é só cortando o déficit que “o Brasil poderá chegar a algum entendimento com o FMI” — e disso dependem o próprio pacote de médio prazo, a retomada das negociações com o Clube de Paris e eventuais empréstimos japoneses.

Moisés Rabinovici, de Washington